

Nacionalismo

Jorge Calvário dos Santos*

Após uma apreciação síntese sobre a origem do nacionalismo e a formação da consciência nacionalista, o autor comenta o significado de nacionalidade e o espírito que deve presidir uma política nacionalista. Faz, a seguir, um paralelo entre nacionalismo e cidadania, esboça o momento da nacionalidade brasileira e conclui expressando que esta não pode submeter-se aos interesses de nacionalidades estrangeiras.

AS ORIGENS

Ainda que procurem ofuscar, a idéia mais vigorosa dos nossos tempos é o *nacionalismo*. O *nacionalismo*, ainda que fato evidente, não foi previsto pelos pensadores dos séculos XVIII e XIX. É impossível pensar em *nacionalismo* antes do surgimento do Estado moderno, no período que vai do século XVI ao XVIII. Na verdade, só é possível pensar em *nacionalismo* a partir do surgimento do conceito de nação, com a Revolução Francesa. A palavra nação deriva do

latim "nasci", isto é, da noção de nascimento.

À Revolução Francesa coube o mérito de gerar idéias novas. Uma das mais importantes é a idéia de nação. A luta contra certas imagens pode levar à criação de novas imagens. Um dos resultados da Revolução Francesa é a substituição da pessoa do rei, que assumia caráter mitológico, por outra pessoa de caráter mitológico, que é a nação, como afirma Jouvenel. Um ser transcendente, a nação, passou a ocupar o lugar de um ser imanente, o rei. Como conceito de nação, surgiu o sentimento nacional, que gerou a idéia de interesse do soberano. Quanto a esse tema, vejamos uma citação de Guizot:

"Por certo, o devotamento à pátria, o dever para com a pátria não são sentimentos novos, que nossos pais não tivessem conhecido; no entanto, existe uma diferença profunda entre suas idéias e as nossas, entre seu estado de ânimo e o nosso, em relação a esse objeto. A fidelidade entre as pessoas, dirigida tanto para os superiores como para os iguais era, na antiga sociedade francesa, o princípio e o sentimento dominante; está nas suas origens e na base de suas principais instituições; os laços pessoais eram os laços sociais. No longo curso de nossa história, a civilização expande-se; as diversas classes passaram por um processo de aproximação e de assimi-

* Coronel Aviador. Membro do Corpo Permanente da ESG

ção; o número de pessoas independentes e influentes sofreu um crescimento enorme; os indivíduos retiraram-se dos grupos particulares, aos quais antes pertenciam, para ingressar e viver numa esfera geral; a unidade nacional elevou-se acima da organização hierárquica. O Estado, a nação, a pátria, esses seres coletivos e abstratos tornaram-se, tal qual os seres vivos e reais, objeto de respeito e desafeição. O dever para com a pátria, o devotamento à pátria assumiram, no espírito da maior parte das pessoas, força superior à dos antigos devotamentos, à do antigo dever de fidelidade para com as pessoas. Também foram sentimentos nobres e desinteressados que animaram o exército republicano e o exército de Condé durante os combates deploráveis que travaram nas margens do Reno; mas diferente era sua fé moral e política, tanto na natureza como no objeto: uns sofriam e morriam para conservar-se fiéis a seu rei, à sua classe, a seu nome, outros para defender e servir a pátria, uma idéia sem corpo, um nome comum a todos, pátria esta da qual nada haviam recebido além da honra de nas-

cer em seu seio e à qual acreditavam dever entregar-se totalmente, tão-só por ser ela a França. A mesma transformação realizou-se na vida civil; a preocupação do interesse público, dos perigos públicos, tornou-se mais generalizada e mais forte que a das relações e dos afetos individuais. Foi em virtude de causas profundas e sob o império dos grandes fatos sociais que, sem qualquer premeditação, por puro instinto, os dois partidos em luta se designaram, em 1789, como partido realista e partido patriota: num estava vivo o dever para com o rei e o devotamento ao mesmo, como chefe e representante da pátria; noutro, o dever e a dedicação voltada diretamente à própria pátria, constituíam o princípio, o laço de união, o sentimento dominante."

O surgimento da nação é um fenômeno fundamental na História. Sua importância na ordem internacional é devida ao fato de que as modificações geográficas se processam no sentido de congruência com as nacionalidades. No Brasil, o nacionalismo surgiu como manifestação contra o invasor holandês.

A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NACIONALISTA

Existem palavras que representam a cristalização de um sentimento em uma idéia, "nacionalismo" é uma delas. O jornalista e livreiro Rodolphe Zacharie Becker, preso por Napoleão, em 1812, atribui especial valor ao nacionalismo.

"Todos sabem que a nação germânica não forma um Estado único, como acontece com a nação francesa, espanhola, inglesa e outras mais. Divide-se em numerosos Estados diferentes, e parte desses Estados acha-se incorporada a outros Estados, como o Império Francês, a Hungria, a Rússia, a Suíça, a Dinamarca, os Estados Unidos da América do Norte. Ao exortar, portanto, os alemães em geral a cultivarem as virtudes nacionais e a soterrarem os ressentimentos provinciais, não se lança qualquer apelo político. É como se exortássemos os gascões, os normandos, os habitantes da Champanha, os borguinhões, os naturais de Beaune, a desistirem do rancor que os habitantes das diversas regiões da França manifestam uns contra os

outros, por meio de epítetos ultrajantes. Os membros de minha sociedade ideal devem cumprir as leis do lugar em que se encontrem: cada um deve exercer a velha lealdade e fidelidade germânica para com o governo do qual é súdito. É o que os alemães realmente fizeram no curso dos séculos, e é o que fazem hoje na Hungria, na Transilvânia, na Livônia, Holstein e principalmente na Alsácia; e é o que não deixarão de fazer, de sua vez, os habitantes das províncias recém-incorporadas ao Império Francês, da mesma forma que os refugiados franceses que se encontram em Berlim, Leipzig, Hanover ou Cassel contam-se entre os melhores cidadãos dos Estados alemães, sem que tenham deixado de ser franceses e de se sentirem honrados com isso. Essa ligação com a nação, que poderíamos chamar de nacionalismo, harmoniza-se perfeitamente com o patriotismo voltado para o Estado do qual se é súdito..."

No prefácio que escreveu para "Le Nationalisme Français", 1871-1914, Raoul Girardet assim definiu o nacionalismo: "O desejo de conservar a independência,

de manter íntegra a soberania e de afirmar a grandeza do Estado-nação." À idéia de nacionalismo, juntam-se os conceitos de sociedade, de nação e de Estado. Esses três conceitos se reforçam mutuamente, se o Estado é legitimado por sua origem nacional e pela função que desempenha para dar condições à nação de garantir os seus objetivos nacionais permanentes. O nacionalismo é uma idéia força que conquista as mentes e corações dos homens. O nacionalismo é um estado de espírito que corresponde a um fato político.

O processo de integração das massas populares numa forma política comum é o crescimento e a solidificação do nacionalismo. Sendo assim, o nacionalismo pressupõe a existência, de fato ou como ideal, de uma forma de governo, em um território grande e definido, nos diz Kohn. O território é o fator externo mais importante na formação da nacionalidade.

As massas se intensificaram com a nação, sua cultura individual com a nacional, sua vida com as da nacionalidade. O nacionalismo, desde então, tem dominado os impulsos e as atitu-

des das sociedades. Tem servido para justificar a autoridade do Estado bem como para legitimar o uso da força.

O SIGNIFICADO DE NACIONALISMO

Do ponto-de-vista teórico, o conceito de nacionalismo é o desdobramento político e intensivo de dois outros conceitos, diretamente ligados à natureza humana: patriotismo e civismo. O nacionalismo, para se manter legítimo, deve manter-se nos limites, racional e afetivo, de suas duas raízes. O nacionalismo é um conceito de ordem política.

O nacionalismo origina-se na vontade de preservar e estimular a identidade nacional e cultural de um povo. O patriotismo, que pode ser definido como um sentimento de afeto, orgulho e lealdade que os indivíduos sentem pelo seu país, é uma condição para o nacionalismo.

O que podemos dizer quanto aos conceitos de nação? Essa palavra tem conteúdo subjetivo próprio e não existem sinônimos absolutos. Hoje, no Brasil, constatamos uma rejeição ao vocábulo "nação" e a

seus derivados "nacionalidade" e "nacionalismo". A diferença essencial entre os conceitos de patriotismo e nacionalismo é a conotação política implícita a esse último vocábulo.

Os que rejeitam ou contestam o conceito de nação pregam a internacionalização. Mas, como muito bem destaca Bautista Vidal, *"Internacionalização é proveniente do vocábulo internacional, que é relativo às relações entre nações. Como, então, pode haver internacionalização se não existem as nações?"*

O Estado-nação, elemento unitário e autônomo da organização política e social, consolida-se em paralelo com o prevailecimento de tropas regulares. O nacionalismo passa, então, a ser o cimento ideológico para a formação das nações independentes. Sem nacionalismo não teria sido possível a formação de exércitos regulares e, sem esses, não teria sido possível a defesa de nações livres. O nacionalismo foi, portanto, estimulado sempre que a constituição de um exército se fez necessária para a formação de uma nação-Estado. Mas, de modo

geral, o nacionalismo, ou pelo menos seu germe, precede a geração de um exército regular, como também da própria nação.

Dentre as várias concepções de nacionalismo, uma das mais simples e livre de preconceitos de qualquer espécie é aquela proposta por Stuart Mill, na obra "Governo Representativo",

A diferença essencial entre os conceitos de patriotismo e nacionalismo é a conotação política implícita a esse último vocábulo.

de 1861, e que é a seguinte: *"Cada Estado deve coincidir, em todos os aspectos, com a sua nação. É uma unidade, e uma identidade própria devem ser criadas em cada nação. E a nação deve ser liberada de controles externos."*

Ernest Gellner, no seu livro "Nacionalismo e Democracia", afirma que: *"O nacionalismo é notoriamente uma das mais poderosas forças do mundo moderno... O nacionalismo é, basicamente,*

um movimento que concebe o natural objeto da lealdade humana como sendo uma unidade muito ampla, definida pela compartilha da linguagem ou cultura. É "anônimo", no sentido de que seus membros não têm elos positivos entre si, e que as subdivisões, dentro da nação, não têm importância comparável à das mais amplas unidades. (Isso é muito diferente de várias formas sociais tribais, onde o clã pode ser tão importante quanto uma tribo, o subclã tão importante quanto o clã e assim por diante)."

Rogério Cerqueira Leite, em seu livro "Quem tem medo do Nacionalismo?", faz referência à definição clássica de nação, do "Dicionário Moderno de Sociologia", de Theodorson e Theodorson: *"Nação é um agrupamento político autônomo, delimitado territorialmente, cujos membros compartilham de uma lealdade a instituições comuns. Esse agrupamento confere um sentido de unidade à comunidade."*

O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa traz a seguinte definição de nação: *"agrupamento hu-*

mano, em geral numeroso, cujos membros, fixados num território, são ligados por laços históricos, culturais, econômicos e lingüísticos."

Ainda de acordo com o "Dicionário Moderno de Sociologia", de Teodorson: "*Nacionalidade é a participação e identificação com uma Nação em particular. Nesse sentido do termo, que é essencialmente político, nacionalidade freqüentemente envolve uma cultura comum*".

Para Jaques Maritain, a nação não é uma sociedade, mas sim uma comunidade. Uma comunidade das mais complexas, mais completa e mais importante gerada pela civilização.

Barbosa Lima Sobrinho entende que a substância do nacionalismo, pois, é uma atitude contra algum objetivo definido. Não por ser oposição sistemática, mas por entender que, no objetivo visado, está um obstáculo ao amplo e completo desenvolvimento nacional.

Para Hohn, o nacionalismo é, antes de tudo, um estado de espírito, uma atitude consciente que, desde a Revolução Francesa, se torna de fato cada vez mais comum entre a humanidade.

Percebem-se, aos poucos, os motivos, a malícia e as intenções que orientam a impugnação do conceito de nação, e das razões ideológicas que fazem do nacionalismo uma ameaça para certos setores ilegítimos do poder.

Muitos se preocupam ante as dificuldades para superar o atual estado de coisas, indesejável mas aparentemente consolidado pelo passar dos anos. Talvez ignoremos a capacidade de luta do ser humano, quando fundamentada numa vontade firme.

Muito recentemente, tivemos a maravilhosa lição de Mahatma Gandhi que, com pouco mais que a força de seu espírito, levou o povo indiano à libertação do colonialismo inglês. Giovani Papini, no seu livro, "Gog", reproduz as palavras de Gandhi:

"O senhor quer saber por que desejamos expulsar os ingleses da Índia? A razão é simples. Foram os ingleses que fizeram nascer em mim essa idéia, genuinamente européia. Meu pensamento se foi formando durante minha longa permanência em Londres. Lá deixo conta de que nenhum povo europeu suportaria ser

administrado e dirigido por homens de outro povo. Entre os ingleses, sobretudo, esse sentido da dignidade e da autonomia nacional é muito desenvolvido. Não quero os ingleses na minha casa precisamente porque me pareço muito com eles. Os meus ancestrais se preocupavam muito pouco com as questões das terras e menos ainda com as da política. Submersos na contemplação do Atman, do Brahman, do absoluto, desejavam apenas fundir-se na alma única do universo... A cultura inglesa, de sentido ocidental, introduzida através da conquista, mudou nosso conceito de vida. Digo "nosso" no sentido dos intelectuais, pois o povo permaneceu durante séculos refratário à mensagem européia de liberdade política. O primeiro a sentir-se impregnado das idéias ocidentais fui eu e me converti no guia dos hindus precisamente porque sou o menos hindu de todos os meus irmãos"... "O europeísmo impregnou de tal maneira a Índia, que nos vimos obrigados ao confronto com a Europa. O movimento gandhista é o movimento dos hindus convertidos ao europeísmo contra os europeus renegados, isto

é, contra os ingleses que morreriam de vergonha se fossem mandados pelos franceses ou pelos alemães..." ... "Um hindu autêntico pode tolerar ser escravo: um hindu anglicanizado quer ser dono da Índia".

O ESPÍRITO DE UMA POLÍTICA NACIONALISTA

Com a vontade progressivamente reativada e com astúcia, saberemos avançar, como povo, como nação, para assumir, definitivamente, o controle do nosso destino.

Não se conhece experiência histórica que tenha permitido a qualquer povo superar suas dificuldades básicas de sobrevivência e bem-estar que não fosse por meio do controle do seu destino. Só é possível construir uma nação livre e soberana quando seu povo decide seu próprio destino, quando compartilha da lealdade aos interesses nacionais dessa nação.

A política tradicionalmente praticada pelos investimentos estrangeiros no Brasil, assim como nos países fontes de matérias-primas, nos países de economia colonial e reflexa, nos paí-

ses em desenvolvimento, tem de ceder o lugar à política diferente, em que o sentido do desenvolvimento se caracterize pela preocupação de criar condições internas para a valorização humana, em ritmo determinado pela nossa capacidade e interesse em superar nossas deficiências.

Esse é o espírito de uma política nacionalista. Nele, o primeiro lugar pertence ao esforço nacional, cujos objetivos se concretizam na mobilização progressiva, mas imediata, das riquezas e recursos que permitam ao País tomar o rumo do desenvolvimento de todos os brasileiros.

Os fundamentos da política nacionalista residem, portanto, na formação de uma consciência política própria, de modo que os destinos do País não estejam em mãos estranhas, porém em mãos de nossos próprios concidadãos, que tenham firmes compromissos com a nação e conhecimento de nossas próprias possibilidades.

A política nacionalista preocupa-se, acima de tudo, com a situação e condições de vida que a estrutura econômica permite ao povo. No atual quadro conjuntural do

País e em face das tarefas que sua superação reclama, a posição nacionalista é a única politicamente compatível com a visão de um Brasil consciente de seu destino histórico.

Não pode ser considerada livre a nação que não consegue ver satisfeitas as necessidades essenciais de alimentação, habitação, saúde e educação de seu povo. Pode-se considerar livre quem não consegue proporcionar a escolaridade básica à totalidade de seu povo? Como, então, condenar-se como perigoso, descabido, chauvinista, antiquado, um sentimento de preservação das mínimas condições de vida com dignidade para todos, como é pretendido pelo nacionalismo?

Assim sendo, cabe a pergunta: por que o nacionalismo é tão desmerecido, tão atacado e até mesmo condenado? A resposta é ampla e abrangente. Ela dispensa comentários quando se trata do Brasil, que adotou um modelo de crescimento econômico e de desenvolvimento político dependente dos países hegemônicos.

O suporte ao nacionalismo surge da população nascida no território que limita geograficamente a nação.

Esta, necessita de sua população para que possa sobreviver.

Segundo dados da pesquisadora Elza Berquó, coordenadora do Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas, enquanto a perspectiva de vida média dos brasileiros aumentou de 45% num período de 40 anos, foram necessários apenas 15 anos para que a fecundidade das brasileiras tivesse um declínio de 48%. Destes, 19% ocorreram em 4 anos, de acordo com resultados de 1984. Nessas condições, o Brasil deverá ter uma população máxima de 183,5 milhões de habitantes no ano 2000, o que é pouco, confrontando com as dimensões de nosso território e com as populações de nações potencialmente comparáveis.

Essa situação é de extrema gravidade e é resultante, fundamentalmente, da campanha promovida por organismos internacionais de que é necessário implantar um programa de controle de natalidade, pois enfrentamos os "riscos decorrentes da superpopulação". Sobre esse tema, pronunciou-se oportunamente, o General A.

C. de Andrada Serpa: "*Tudo poderá ser recuperado. Apenas uma única coisa não pode jamais acontecer: é a interrupção do nascimento de brasileiros*". Vale a pena lembrar a célebre frase de Lyndon Johnson: "*Cinco dólares investidos contra o crescimento da população são mais eficazes do que cem dólares investidos no desenvolvimento econômico*".

Considerável parcela de nossos concidadãos conhece mais a história da colonização norte-americana do que a do Brasil. Como é possível admitir tal fato?

A influência estrangeira sobre nossa sociedade tem sido uma constante. Até o início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil mirava-se na Europa. A influência francesa era marcante, até no vestir, mais adequado a um país de clima frio como os da Europa. Após a Segunda Guerra Mundial, a influência norte-americana tornou-se marcante em todos os setores da vida nacional, até

no uso freqüente de palavras da língua inglesa em substituição às da língua nacional.

O mais importante, porém, é o forte processo de aculturação que a sociedade sofre, trazendo embutido até mesmo a rejeição dos valores e símbolos nacionais. Expressiva maioria de nossa população não conhece sequer o hino nacional brasileiro. Considerável parcela de nossos concidadãos conhece mais a história da colonização norte-americana do que a do Brasil. Como é possível admitir tal fato?

Para Herber e Fiche, o idioma é fundamental na formação e na vida da nacionalidade. Os brasileiros, nesse aspecto, têm tudo a seu favor. O Estado nacional brasileiro corresponde a uma única nação. Uma nação, um Estado onde todos falam a mesma língua, onde todos se entendem. De norte a sul de leste a oeste é fato incontestável a unidade da língua. A língua é sinal de manutenção de uma nacionalidade.

Observa-se que o nacionalismo tende a se desenvolver no setor menos favorecido da população. Isso pode ser explicado como uma manifestação em relação à

Em 1845, a Inglaterra aprovou o "Bill Aberdeen", um terrível atentado contra a soberania brasileira. Não podendo considerar um ato de guerra feito contra o Império e que não seria repellido com guerra, porque infelizmente, o Brasil nunca foi e não é potência marítima, o Imperador D. Pedro II portou-se com galhardia. Ao abrir a 3ª sessão da 7ª legislatura, em 3 de maio de 1846, D. Pedro II proferiu o seguinte trecho:

"A cessação das medidas convencionadas entre o Brasil e a Grã-Bretanha, para reprimir o tráfico de escravos, foi notificada em tempo oportuno pelo meu governo ao de S. M. Britânica. Depois dessa notificação, passou uma lei no Parlamento Britânico sujeitando, à jurisdição dos tribunais ingleses, os navios brasileiros suspeitos de empregados naquele tráfico.

"O meu governo protestou contra esse ato, dando desse protesto conhecimento a todas as potências amigas. Fiel ao empenho contraído de pôr termo ao tráfico de africanos, não deixará contudo o meu governo de defender as prerrogativas da minha coroa e a vossa coadjuvação leal e patriótica."

A Câmara dos Deputados manifestou o seu apoio integral a D. Pedro II e sua repulsa à violência britânica, aprovando por unanimidade, a seguinte veemente declaração:

"A Câmara dos Deputados considera inconciliável com os princípios de independência e soberania nacional o ato do Parlamento Britânico, que sujeita, à jurisdição de tribunais estrangeiros, os navios brasileiros suspeitos de se empregarem naquele tráfico, e por isso aplaude e toma parte no protesto que o governo de V. Majestade Imperial apresentou contra este ato.

"A Câmara, apreciando a fidelidade com que o governo de V. Majestade Imperial tem procurado satisfazer o empenho contraído com a Grã-Bretanha, acompanha também V. Majestade Imperial e afiança a leal e unânime coadjuvação dos brasileiros na sustentação das prerrogativas da coroa e direitos nacionais."

Observamos que o Imperador e a Câmara souberam opor o espírito nacionalista à força brutal da Inglaterra, repelindo, ainda que verbalmente, o atrevimento inglês que procurava ultrajar a soberania brasileira atentando

contra a dignidade de um Brasil livre.

Foi Artur Bernardes que, com apoio de Claudomiro de Oliveira e Raul Ribeiro da Silva, enfrentou bravamente os trustes estrangeiros que ambicionavam o minério de ferro brasileiro. Bernardes soube dizer não em defesa dos elevados interesses brasileiros.

Essa atitude de Artur Bernardes lhe custou caro. Foi duramente atacado e objeto de infâmias. Mas, graças à sua atitude, o País conseguiu, com Getúlio Vargas, construir a Companhia Siderúrgica Nacional, que só tem trazido benefícios à Nação e foi crucial para nosso processo de industrialização.

Chama a atenção o discurso que Getúlio Vargas, intransigente defensor da soberania nacional brasileira, proferiu, como paraninfo da turma de aspirantes do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 1ª Região Militar. Dessa impressionante peça de eloquência, transbordante de sentimento nacionalista, reproduz o seguinte trecho:

"A verdadeira política internacional deve consistir não somente em evitar conflitos armados, mas

*antes de tudo em preveni-
los, eliminando as suas
causas. O exemplo ensina
mais do que as palavras.
As nações que querem ser
respeitadas têm obrigação
de demonstrar com fatos,
que sabem respeitar os di-
reitos e interesses alheios.
Essa demonstração é um
dever imperioso para to-
dos, principalmente para
aqueles que se apresentam
como padrões de civili-
zação e se proclamam pa-
ladinos da liberdade dos
povos. Pelo arbútrio, pela
prepotência, nunca será
possível realizar o ideal da
paz. A violência gera a vi-
olência e as violações dos
nossos direitos provocarão
reações e represálias.*

*"É preciso ainda não es-
quecer que nos azares da
guerra, a sorte dos que se
consideram poderosos, de-
pende muitas vezes do jogo
das circunstâncias e, não
raro, a decisão de lutar
transforma em fortes os su-
portes fracos, dando-lhes
meio de influir na marcha
vitoriosa dos acontecimen-
tos."*

O nacionalismo é a úni-
ca base ideológica que o
Estado tem para, junto com
a população, promover e
priorizar políticas de desen-
volvimento nacional.

Outro exemplo clássico e
esclarecedor a esse respeito
é o caso do petróleo. À épo-
ca, tínhamos marcante atu-
ação de brasileiros da mel-
hor estirpe e nacionalistas
ardorosos. Com enormes
sacrifícios defenderam os
interesses da Nação.

O Brasil precisava, por
inúmeras razões, descobrir e
refinar petróleo. Montar
uma indústria integrada de
petróleo, da extração ao re-
fino, para satisfazer nossas
necessidades internas. Não
houve nenhuma grande em-
presa para abraçar tal tarefa
de relevante interesse da
Nação brasileira.

O General Júlio Caetano
Horta Barbosa convenceu
Eurico Gaspar Dutra e Góis
Monteiro e, por meio deles,
chegou a Getúlio Vargas,
que deu apoio total a essa
orientação nacionalista. Em
carta a Getúlio Vargas, por
ocasião do achado de petró-
leo em Lobato, no Recônc-
avo baiano, dizia o Gene-
ral Horta Barbosa: *"Essa vi-
tória do organismo estatal
não foi alcançada senão à
custa de grandes esforços,
enfrentando a ofensiva do
truste internacional, multi-
forme em seus processos e
métodos, para evitar a cri-
ação da indústria-base, indo
desde o suborno à imprensa*

*e aos homens do governo,
até o ataque pessoal à
honorabilidade dos ho-
mens."*

A posição nacionalista
teve a virtude de priorizar o
problema de descobrir o pe-
tróleo e refiná-lo no País. O
nacionalismo colocou os in-
teresses nacionais na mais
alta prioridade na questão
petróleo. Dessa maneira, foi
determinado que ele fosse
encaminhado segundo nos-
sas necessidades, interesses
e reivindicações, e não ao
sabor das conveniências
técnicas e comerciais dos
trustes.

A importância da ques-
tão do petróleo se deve a ser
a energia o recurso material
mais estratégico para o de-
senvolvimento e a seguran-
ça das nações. A segurança
é preocupação fundamental
na política internacional de
energia. Isso é devido ao seu
papel vital desempenhado
nas nações, bem como pela
localização das fontes de
energia fóssil. Uma nação
importadora preocupa-se,
principalmente, com a segun-
rança de suas fontes de for-
necimento de energia. Todos
sabemos as conseqüências
de uma interrupção no supri-
mento de petróleo. Essa in-
terrupção se torna extrema-
mente grave, à medida em

que os países dependam de sua importação.

A luta foi dura. Os trustes sempre foram poderosos. Graças a nacionalistas valerosos como Monteiro Lobato, Horta Barbosa, Euzébio Rocha e outros, a posição nacionalista foi conquistando a consciência popular. Por isso, o problema do petróleo foi colocado, acima de tudo, na dependência da vontade da Nação, como uma tarefa nacional, nos termos formulados também pela Nação unida e não pelos interesses dos trustes. Como consequência direta, temos a PETROBRAS S.A. uma empresa nacional, que detém o monopólio da prospecção. A empresa tem prestado significativos serviços à Nação. É uma das maiores empresas do mundo e é extremamente bem conceituada e competitiva dentre as corporações multinacionais que atuam na mesma área. Sua competência e capacidade técnica é reconhecida mundialmente. A PETROBRAS representa um sistema de defesa e de proteção, para o aproveitamento da riqueza nacional estratégica.

Os antigos trustes são hoje as implacáveis e gigantes corporações trans-

nacionais. Dizem querer explorar o petróleo, porém à sua maneira, à sua vontade, sem considerar os interesses nacionais. Procuram por todos os meios inviabilizar a empresa. Ainda não o conseguiram, graças a manifestações nacionalistas de brasileiros, que lutam de peito aberto contra todas as formas de interesses que querem impedir que o País alcance sua autonomia na produção de óleo. Na verdade, o que está por trás é o mesmo interesse que havia à época da criação da PETROBRAS: colocar o Brasil totalmente dependente de energia. A energia é o principal fator para o desenvolvimento. Sem energia a Nação não pode desenvolver-se e muito menos defender-se.

Ruy Barbosa, em sua famosa oração aos moços, já nos alertava: *"Um povo dependente no seu próprio território e nele mesmo sujeito ao domínio dos senhores, não pode aspirar seriamente, nem seriamente manter, a sua independência do estrangeiro."*

Em seu livro "Estudos Nacionalistas", Barbosa Lima Sobrinho cita Alberto Torres, ilustre cidadão brasileiro, que combateu a in-

fluência dos sindicatos estrangeiros na economia brasileira; fazia questão de proclamar que *"o nosso nacionalismo não é uma aspiração sentimental, nem um programa doutrinário, que pressuponha um colorido mais forte do sentimento ou do conceito patriótico. É um simples movimento de restauração conservadora e reorganizadora"*, capaz de assegurar ao Brasil, como dizia o próprio Torres, *"a posse da direção dos nossos destinos"*.

É importante ressaltar que as Forças Armadas brasileiras sempre tomaram partido e contribuíram significativamente para as causas nacionais, nunca se abstiveram, sempre souberam dar o exemplo.

O BRASIL CLAMA POR SEU NACIONALISMO

A evolução dos Estados unitaristas, a secularização da vida política, o desenvolvimento do indivíduo que tenha fé na liberdade e confiança no potencial do homem formam a base do florescimento do nacionalismo.

O nacionalismo precisa afirmar-se, conquistar a sociedade, como característi-

ca básica e fundamental. Portanto, habilitando-nos a distinguir nossos problemas, formulá-los e solucioná-los nos termos dos legítimos interesses da Nação.

O *nacionalismo* não rejeita nem receia a participação estrangeira. Não preconiza de modo algum posição isolacionista ou autárquica. Apenas, expressa que as regras, para essa participação, sejam definidas em função dos interesses nacionais.

No Brasil, o *nacionalismo* representa a consciência do seu tempo histórico, dos seus problemas, das dificuldades conseqüentes à conjuntura nacional e internacional.

Nos países em desenvolvimento, a política nacionalista é fundamentada por uma consciência política própria, de tal modo que a imagem da nação seja reflexo do sentimento do seu próprio destino, de suas próprias possibilidades e traçado por mãos de seus cidadãos. Seus cidadãos são considerados, pela política nacionalista, seu maior patrimônio e a eles e por eles tudo deve ser feito. Por tudo isso, os

nacionalistas devem estar atentos e prontos a agirem em defesa dos interesses nacionais.

A contemplação estática da realidade imediata pode conduzir ao adiamento de ações políticas aparentemente inviáveis. Não se deve perder de vista que a realidade imediata não se constitui apenas dos fatos que nos são perceptíveis. Essa realidade se constitui desses fatos e também da capacidade de procurar a liberação de qualquer tipo de restrição aos propósitos nacionais. Assim, aconteceu na Independência e na defesa do petróleo brasileiro, o *nacionalismo* constrói essa atmosfera. No momento a Nação carece dessa atmosfera. Por isso, os nacionalistas têm por obrigação contribuir para a sua formação. Uma atmosfera nacionalista que contamine a nação com a vontade e o propósito primordial de sua liberação do domínio externo com o objetivo de construir uma solidária e respeitada nação.

O processo de desvalorização e desmonte em que

vivemos decorre de uma insistente e planejada campanha promovida pelos detentores do poder mundial, como instrumento necessário da estratégia de dividir e destruir para conquistar. Só uma política nacionalista, visando a um projeto nacional poderá mobilizar a consciência e impulsionar a vontade nacional, para que a nação possa se liberar das perversas pressões exercidas pelos países hegemônicos, que nos inviabilizam.

Os brasileiros terão em breve que decidir entre duas opções incompatíveis: manter sua cultura, nacionalidade e soberania, ou subordinar-se ao condomínio multinacional, sem dignidade, sem amor próprio e sem decidir seu destino. Essa é decisão que cabe a todo brasileiro de verdade e sobre a qual os nacionalistas têm papel de fundamental e relevante importância. O brasileiro não pode sentir-se estrangeiro em seu território.

O *nacionalismo* brasileiro não pode se submeter aos interesses do *nacionalismo* estrangeiro.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedicto. *Nação e Consciência Nacional* - Ed. Ática.
- BAUTISTA VIDAL, José Walter. *Soberania e Dignidade. Raízes da Sobrevivência.* Ed. Vozes.
- BERTRAND DE JOUVENEL. *As Origens do Estado Moderno.* Ed. Zahar.
- BOBBIO, Norberto et all. *Dicionário de Política* - Ed. UNB.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *O Pensamento Nacionalista e os Cadernos de Nosso Tempo* - Ed. UNB - Biblioteca do Pensamento Político Republicano.
- DOS SANTOS, Jorge Calvário. *Biomassa, a opção energética.* Defesa Nacional nº 771, 1º trimestre de 1996.
- EVANS, Peter. *A Tríplice Aliança.* Ed. Zahar.
- GELLNER, Ernest. *Nacionalismo e Democracia* - Ed. UNB.
- KOHN, Hans. *Historia del Nacionalismo.* Fondo de Cultura Económica. México. 1949.
- LACOMBE, A. Jacobina et. *O Cidadão e o Civismo.* IBRASA - INL - Instituto Nacional do Livro.
- LEITE, Rogério Cerqueira. *Quem Tem Medo do Nacionalismo?* - Ed. Brasiliense.
- MENDONÇA, Nadir Domingues. *O Uso dos Conceitos* - Ed. Vozes.
- PAPINI, Giovanni - GOG. *Edição Livros do Brasil-Lisboa* - Coleção Dois Mundos.
- PEREIRA, Osny Duarte. *Estudos Nacionalistas.* Ed. Fulgor.
- RODRIGO, Lídia Maria. *Nacionalismo no Pensamento Filosófico* - Ed. Vozes.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *Estudos Nacionalistas* - Ed. Civilização Brasileira
- _____. *Desde Quando Somos Nacionalistas.* Ed. Vozes.